



A estranha biografia de padre Ezequiel do Rosário

Vera Carvalho Assumpção*

São Paulo, Brasil

veraluck@terra.com.br

*O pecado é o único toque de cor viva que sobrevive
no mundo moderno.*

(Oscar Wilde)

Leonardo recebeu a carta com cópia da documentação referente ao padre Ezequiel do Rosário e sentiu-se feliz. Era a parte que faltava para completar a busca. Seguindo uma intrincada cadeia de relacionamentos, obteve aqui e d'além mar informações preciosíssimas para refazer a vida do padre que viveu na vila de Itu, e cujo nome consta do Registro de Padres Processados por Solicitação e outros crimes.

Leonardo pretendia refazer-lhe os passos, numa narrativa curta. Seu propósito não era repetir-lhe a história, mas recriar-lhe a têmpera, mostrando que em sua pacata existência não houve pecados ou desvios sexuais, mas atos revestidos de sentimentos nobres de amor e desejo.

Eufórico com os novos documentos, Leonardo passou o dia frente ao computador, engendrando a figura do padre e situando-o na então vila de Itu. O som estridente do telefone tirou-o de sua concentração. Era Rosa. Sempre virtuosa no falar, ela o excitou com promessas de amor. Seu marido viajara, tinha tempo livre no final da tarde. Enfeitiçado pelo discurso de Rosa, Leonardo parou o trabalho e saiu ao seu encontro.

Ao recebê-lo, Rosa notou-lhe a estranha luz púrpura nos olhos e antegozou as carícias audaciosas a que ele se dispunha desde que se envolvera naquela pesquisa que ela considerava maluca. Absorto, com as ideias borbulhando, Leonardo alisava o corpo de Rosa enquanto confidenciava seus achados. Mesmo possuindo toda a documentação existente, que um capuchinho italiano que viera para o Brasil recolhera, na obscura história do padre, eram muitos os hiatos. O maior deles era ter sido anotado, sem jamais ter sido processado. No entanto, nos autos, o depoimento das testemunhas, tanto da

* Escritora.



acusação como da defesa do réu revelavam traços importantes para a compreensão da sua personalidade.

Na exaltação do encontro com Rosa, Leonardo engendrava situações que preenchessem os hiatos e fizessem surgir um sacerdote puro e cumpridor de seus deveres. Como homem mortal, em uma época da vida, padre Ezequiel viu-se envolvido pela efervescência da paixão e por pouco não caiu nas malhas do Santo Ofício. Se usara o confessionário a fim de solicitar a uma de suas fiéis que praticasse com ele um ato julgado torpe, foi por puro amor ou por má interpretação da torpeza dos atos. No descanso, depois do gozo, pensou que fora a confissão de Antônia Josefa, suas palavras desesperadas para se redimir da culpa de ter tido um amante, que haviam seduzido padre Ezequiel.

Leonardo voltou para casa matutando as ideias que se ajustariam à personalidade do padre. Chegando, fumou um cigarro enquanto observava a cidade pela janela do décimo andar onde vivia. Impulsionado por uma lufada de ar fresco da noite, ligou o computador. Em poucos segundos, o texto apareceu na tela e ele releu o que já havia escrito. Ao desenvolver um trabalho, tinha o hábito de, antes de dormir, ler as partes prontas. Geralmente, as imagens do sono o ajudavam mais que as da vigília. Na manhã seguinte, o trabalho desenvolvia-se com maior rapidez.

Havia começado a história descrevendo padre Ezequiel como um homem de olhos doces que, como todo o clero da época colonial brasileira, obedecia ao celibato como parte de uma opção pelo caminho da perfeição. Na metrópole, existiam duras penas para os sacerdotes que descambavam, cedendo às fraquezas da carne. Mas essas penas chegavam à colônia bastante abrandadas. De qualquer forma, os sacerdotes acautelavam-se em suas conquistas terrenas. O confessionário oferecia grande segurança. Era o local que as mulheres frequentavam sem despertar suspeitas. E foi justamente no confessionário que padre Ezequiel começou a se apaixonar por Antônia Josefa. Seu nobre sentimento teria ficado no anonimato, como tantas outras paixões semelhantes, não fosse sua amante ter tido necessidade de desabafar a culpa que a consumia.

Anos depois de o ter cometido, ela confessou o pecado que a transtornara na época em que o cometeu, e que continuava a dilacera-la a cada lembrança. Mais uma vez, ela utilizou-se do confessionário. Dessa vez, a um capuchinho italiano que viera para os trópicos. Talvez indignado, talvez ele mesmo com as querências alvoroçadas ao ouvir tão detalhados atos de amor, ele julgou que o padre ituano merecia a fogueira para a purificação da alma. Apesar da Inquisição ter logrado impor sua sinistra presença no Trópico, a fúria do capuchinho não foi capaz de acionar-lhe os mecanismos. Na época em que Antônia Josefa confessou sua paixão desarvorada, já não havia visitasões e os



casos tinham de ser encaminhados para a negra Casa do Rocio, o que o capuchinho não hesitou em fazer de próprio punho.

Na cópia do documento que Leonardo recebeu d'além mar, o capuchinho narrava que Antônia Josefa procurara a ajuda do padre Ezequiel pela mesma razão que o procurara: a fim de aplacar uma culpa que a consumia. Traíra o esposo e precisava do perdão de Deus! Se é que Deus poderia perdoá-la de tal leviandade? Ao confessar-se para o padre Ezequiel, ela ouviu o próprio confessor balbuciar que "a queria muito, muito a amava". Na ocasião, ela respondeu que "não era bom dizer aquelas palavras ao confessor". Dias depois, sabendo que era casada, Ezequiel perguntou-lhe "se tinha filhos, se seu marido desconfiava dela, se a cerca de seu quintal era muito forte, se indo ele por lá poderia entrar pelo quintal sem que fosse pressentido".

Leonardo havia levado seu relato até este ponto. Sabia que Ezequiel era de Itu e tentou imaginar a cidade na época. Segundo a descrição de um viajante, "Itu era uma vila grande, abastada e florescente, cabeça da Comarca do seu nome, ornada com uma igreja paroquial da invocação de Nossa Senhora da Candelária, um convento de Franciscanos, um hospício de Carmelitas calçadas, um hospital de Lázaros com sua ermida, outra do Senhor Bom Jesus, outra de Nossa Senhora do Patrocínio e outra de Santa Rita. Todos os edifícios eram de taipa, algumas ruas calçadas, as casas geralmente térreas e com quintais". Na vigília antes do sono, Leonardo idealizou o quintal da casa de Antônia Josefa. A cerca devia ser fraca, talvez uns paus fincados no chão, umas voltas de arame para demarcar a propriedade. Padre Ezequiel não teve dificuldade em passar por ela para encontrar a mulher que lhe punha os sentidos em efervescência. Leonardo adormeceu, inflamado pelas imagens de um ato de amor desenfreado, sob as árvores do quintal de uma casa ituana.

Na manhã seguinte, despertou inquieto para escrever a cena de amor como a sonhara. Preparou e bebeu café. Ligou o computador, afoito para não deixar escapar nenhum dos detalhes idealizados. Após os colóquios do confessor, escreveria o primeiro encontro carnal dos apaixonados.

Enquanto acendia o cigarro, imaginava as palavras que usaria para descrever o padre pulando a cerca do quintal e finalmente encontrando Antônia Josefa. Queria uma cena apaixonada, em que ela o esperasse com a mesma exaltação com que descrevera seu pecado e ele enfrentasse os obstáculos com as querências em carne viva. Isso deveria ocorrer ao pôr-do-sol, que era a hora em que o céu se incendiava, e que Leonardo intuía ser a mais propícia ao amor.

O texto surgiu na tela e Leonardo releu o que já havia escrito. No entanto, conforme foi avançando na leitura, com o cigarro entre os lábios e uma enorme excitação, percebeu



que o conto continuava por caminhos inversos ao que imaginara. Ele, que sonhara com um ato de amor exaltado, lia que Ezequiel pulara a cerca da casa de Antônia Josefa para deparar-se com um marido enfurecido, de foice na mão, que o degolou aos gritos, sentenciando que o salvava de morrer na fogueira ou ser degredado para as galés do rei!

Intrigado, Leonardo sentiu a terra insegura debaixo dos pés. Não tinha lembrança de ter sequer imaginado tal desfecho. Tragou o cigarro, enquanto um incômodo suor empapava-lhe as costas. Alguma coisa estava errada! Quem teria escrito o novo trecho? Teria ele próprio tido um ataque de sonambulismo? Na metrópole, a sedução de senhoras no confessionário não era uma heresia que justificasse a fogueira, mas fazia com que o padre perdesse o poder de ouvir confissões e que fosse degredado para as galés. Pela documentação, Leonardo sabia que padre Ezequiel morrera com quase oitenta anos, numa epidemia de varíola e jamais fora à Casa do Rocio. Mas, conhecia desfechos bastante trágicos ocorridos na vida de outros padres que cometeram pecados semelhantes. Talvez algum deles lhe tivesse ficado no inconsciente, e escreveu o no sono. Não seria esse incidente a afastá-lo da intenção de mostrar que os amores do padre Ezequiel ocorreram sem pecado. Apagou o trecho que aparecera misteriosamente e continuou a história exatamente como imaginara, um encontro muito romântico entre padre Ezequiel e Antônia Josefa: o medo dando a mão ao desejo, o acanhamento excitando a ternura, a fúria da paixão e finalmente o prazer avassalador.

Terminada aquela cena, relendo a documentação, viu que num trecho do relatório enviado à metrópole constava que padre Ezequiel dissera a Antônia Josefa que ele "não queria ser o segundo, nem o terceiro, mas senão seu primeiro amado". Baseado em seus amores com Rosa, Leonardo sabia que não era fácil ser o segundo. No entanto, a condição de amante fazia com que construíssem uma vida secreta à altura dos próprios sonhos, o que alvoroçava muito mais o amor. Na sequência das ideias, Leonardo fantasiou Antônia Josefa parecida com Rosa. Descreveu a como uma mulher baixa, frágil, cujo andar demonstrava uma graciosa lentidão, um princípio de êxtase. Com certeza era cobiçada na vila de Itu e não se negava às fraquezas da carne. Conhecia amores fora do leito conjugal e, nos seus tumultuosos acessos de culpabilidade, corria ao confessionário para aliviar a alma. Numa dessas vezes, ouviu a do padre Ezequiel e sentiu-se seduzido por seu discurso. As minuciosas narrativas libidinosas que fora obrigado a ouvir, transformaram no de censor em agente do pecado. O mesmo narrar envolvente que fizera o capuchinho italiano pedir justiça à metrópole, enfeitiçou padre Ezequiel. Antônia Josefa era uma narradora virtuosa que, com seus olhos meigos e suplicantes, sabia fazer as pausas, mediar a entonação, explicar sem gestos, pintando um quadro tão vivo que o ouvinte via surgir diante de si imagens bastante nítidas do que ela descrevia. Nas tardes encaloradas de Itu, ouvindo a no cubículo por trás da treliça, padre Ezequiel entrevia a qualidade dos estremecimentos, a abundância dos orgasmos,



as palavras excitantes murmuradas ao ouvido, os cheiros mais secretos dos relacionamentos de Antônia Josefa com um amante casual. Enlouquecido pelo desejo o padre aconselhava:

– Reza, minha filha. A oração ajuda.

– Espere, não lhe disse tudo. Tenho vergonha.

– Não debes envergonhar-te de mim! Não sou mais do que um instrumento de Deus para trazer-te o perdão.

Ela seguia narrando excitada com as próprias palavras, e ele não tinha forças para ser somente o instrumento de Deus. Sua carne ardia, seu sangue virava espuma diante das palavras. Uma frágil treliça os separava. Terminada a confissão, exorcizada dos tumultuosos estados de ânimo, Antônia Josefa regressava à casa aliviada. Enfrentava o marido impassível e severa, enquanto padre Ezequiel ficava a suar frio em sua cela miserável. Às custas de muita oração, vencida a tentação de correr-lhe ao encalço e meter-se em sua cama, para ser ele a sentir-lhe o calor da pele e da respiração, para ser ele o sujeito de suas narrações intrépidas.

Leonardo passou horas envolto no trabalho de descrever o caso de amor entre padre Ezequiel e Antônia Josefa. Rosa não telefonou, o que significava não ter possibilidade para um encontro. Naquela noite, ele adormeceu feliz com a caracterização de seus personagens, embora o aborrecesse a ideia de que, como padre Ezequiel, ele também precisasse esperar a hora em que Rosa se livrava do marido para que pudesse amá-la.

Na manhã seguinte, quando a tênue luz da alvorada penetrou em seu apartamento, Leonardo levantou, tomou café e, excitado para continuar o trabalho, ligou o computador. Ao seguir a leitura do relato, mais uma vez deparou-se com um trecho estranho. Mais uma vez, a terra falseou sob seus pés. Intrigado, pensou que não poderia ter sido ele a descaracterizar os personagens que iam se formando em seu conto. Mesmo que admitisse o sonambulismo, não poderia ter escrito que pelo fato de estar ele mesmo revivendo os estados tumultuosos de seus personagens, e uma vez que o padre se livrara da fogueira, seria ele a ter de purificar a alma.

Saiu da frente do computador. Fumou um cigarro pensando que alguma coisa estava errada, alguma coisa estava muito errada! Percorreu os cômodos do apartamento, observando os minuciosamente em busca de indícios que demonstrassem alguém tê-lo invadido. Tudo estava em perfeita ordem. Exasperado, pensou que exumara documentos de velhos arquivos, e não almas! As palavras que ainda restavam naqueles papéis bolorentos não poderiam ter vida própria e inserirem-se em seu computador. Passou o dia ensimesmado, sem ânimo para escrever. No final da tarde, na hora em que o sol incendiou o céu, ligou o computador e escreveu que o amor desmedido de padre



Ezequiel por Antônia Josefa foi, sem dúvida, o sentimento mais poderoso de sua vida. Era um desejo fervendo-lhe nas entranhas, um fogo impossível de apagar. E se ele, Leonardo, estava reescrevendo tais sentimentos, era porque se apaixonara pelo caso. Há anos, cultivava o hábito de revirar arquivos e deparar-se com destinos intrincados. Não era a primeira vez que punha um deles num conto ou novela, e jamais se surpreendera com palavras que lhe modificavam o trabalho! De repente, com um soco no teclado, desligou a máquina.

Afinal, a quem estava dando satisfações?

Telefonou para Rosa. Aos sussurros, ela provocou-o com narrativas libidinosas, mas terminou dizendo que o marido estava em casa. Deixassem o encontro para outro dia. Sufocado dentro da própria casa, Leonardo saiu rumo ao bar. No caminho, o pio de uma ave arrepiou-lhe a espinha e fez com que, como uma aparição, surgisse à sua frente a figura do padre. Assombrado, sentiu-lhe os profundos olhos irradiando uma luz arroxeadada, pulsátil. Mas em seguida percebeu estar diante da própria cara refletida no vidro de uma vitrine.

Apressou o passo.

No calor do bar, depois de várias cervejas com a turma de sempre, a desagradável visão se desfez. Mencionou o novo trabalho, sem citar os trechos estranhos que apareciam na tela. Enalteceu-se com os elogios pela paciência em deslindar tão intrincados destinos, escarafunchando velhos papéis. Ao retornar, fitou o computador cheio de suspeitas, mas não permitiu que os pensamentos aflorassem. Desligou-o e tirou-o da tomada. Antes de se deitar encostou um sofá na porta e amarrou na maçaneta um fio de linha que se romperia ao menor movimento. No dia seguinte, teria certeza que ninguém havia invadido seu apartamento.

Deitou-se pensando no padre, na ardência de sua paixão, no fogo dos castigos da época, nos espetáculos em que se transformaram as execuções dos que se deixavam levar pelo Maligno. E o que se poderia esperar de uma religião cujo símbolo era o crucifixo, o corpo de um homem torturado, pregado numa cruz de madeira! Conjecturou que religião, sexo e sofrimento constituíam provavelmente a mais constante das experiências humanas. A religião tratava dos mistérios de nossa origem, nossa morte, nosso relacionamento com o cosmos, o mistério do próprio sofrimento. O sexo era um ato tanto divino como animal. Era o começo da vida. Era também a morte momentânea. A fúria dos amantes não estava distante da fúria da violação e da matança.

Leonardo dormiu e despertou sem lembranças de sonhos. Cumpriu seus atos cotidianos. Averiguou se a porta fora aberta. Encontrou o sofá exatamente onde o pusera e o fio de linha intacto. Teve a certeza de que ninguém entrara no apartamento.



Com um misto de medo e ansiedade ligou o computador. O texto apareceu na tela. Releu o conto desde o princípio. Sentiu uma ligeira vertigem de assombro ao perceber que, apesar de todas as precauções, o conto fora continuado. As palavras acrescentadas à noite esclareciam que as execuções durante o Antigo Regime eram, em geral, vinganças pessoais dos reis ou seus seguidores, e por isso mesmo uma gradação calculada de sofrimentos até a expiação final. A morte na fogueira fora uma conquista para abreviar a dor, ao mesmo tempo que proporcionava um excitante espetáculo de som e imagens a uma plateia deslumbrada.

Perturbadíssimo, Leonardo averiguou outros itens do quarto que pudessem ter sido tocados, mas tudo estava em perfeita ordem. A possibilidade da loucura, da dupla personalidade, deixava-lhe a impressão desagradável de asco e de medo. Apesar das janelas abertas, o ar estava estagnado e ele mal conseguia respirá-lo. Desligou o computador. Passou o dia como um leão na jaula sem ansiar por liberdade, mas por compreensão. Ao cair da tarde, já não aguentava o clima que ele mesmo exalava. Saiu e foi para o bar beber com sua turma. No embaçamento do álcool acabou confidenciando o que estava acontecendo. Os amigos o ouviram com paciência, mas com ares de incredulidade. Por fim, o aconselharam a se amarrar na cama. Só assim teria certeza de não estar praticando o sonambulismo. A menos que as almas dos que ele pesquisava o estivessem visitando, pilheriam. Leonardo voltou para casa aborrecido. Percebera-lhes o ar de zombaria. Não o haviam levado a sério.

Antes de se deitar, ocorreu-lhe que o computador poderia ter adquirido um vírus. Animado com a possibilidade de encontrar uma solução para o problema que o consumia, procurou informações sobre o assunto. Leu que os vírus que atacavam computadores destruíam textos, poderiam até alterá-los misturando parágrafos escritos, mas jamais continuá-los. Decepcionado com mais essa pista falsa, emborcou uma generosa dose de uísque e atirou-se na cama.

Com o trabalho sobre padre Ezequiel em andamento, os dias de Leonardo transformaram-se. Já não almejava liberdade para criar os amantes, mas vivia um medo absurdo de encontrá-los refeitos todas as manhãs. Seu despertar tornou-se um martírio. Era indescritível o tempo que retardava a retomada do trabalho. Passava boa parte da manhã fazendo o que antes fazia em poucos minutos. Hesitava entre ligar o computador e fugir do apartamento. Até que uma força estranha o incitava a retomar o relato. A qualidade dos trechos que apareciam sistematicamente na tela, a cada dia mais lhe parecia uma gradação calculada de sofrimentos que acabariam na expiação final. Com a mesma intensidade com que a confissão de Antônia Josefa provocara calafrios de desejo no padre, os trechos misteriosos provocavam-lhe perplexidade. Cada frase lida era um instrumento de tortura agindo lentamente, arrancando uma unha por dia, queimando



um pedaço de pele de cada vez. O dia de maior tormento foi ao ler que em pleno século das Luzes, entre as penas previstas aos pecadores, encontravam-se desde o enforcamento até o dilaceramento dos corpos puxados por cavalos, passando pela amputação de mãos, pelo furar da língua, pelo atenazar de partes do corpo e o cauterizar das feridas com misturas ferventes. Conforme lia, um desejo dilacerante invadia o corpo de Leonardo. Será que no gozo da paixão, padre Ezequiel exaltava o desejo com as torturas a que estava sujeito?

Leonardo resolveu mudar os rumos do seu relato. Não falou do padre com nobres sentimentos de amor, mas descreveu um homem espremido entre os castigos do céu e da terra, temeroso de ambos e atijando o próprio gozo com a fúria dos castigos. O padre entregava-se a orgasmos desbaratados e insaciáveis, executando penetrações anais que na época eram chamadas de uso do "vaso posterior", ato que acarretava castigos mais ferozes. Leonardo enveredou pelos castigos que o padre imaginava enquanto exaltava o prazer. Escrevia sem trégua e o ar de sua casa ia se tornando irrespirável. As paredes enclausuravam-no.

O estridente som da campainha do telefone tirou-o de sua concentração. Sentiu-se aliviado em ouvir a voz de Rosa. Marcaram um encontro. Só então Leonardo percebeu como o novo engendrar da personalidade do padre lhe punha as querências em carne viva. Jamais sentiu-se tão inflamado como naquela tarde. Possuiu a amante na mesma cama em que ela dormia com o marido. Com uma mistura de paixão pelo sexo e pela violação, penetrou-a, mas não se sentiu satisfeito. Voltou às carícias e entregou-se a todas as possibilidades do delírio da carne até que a penetrou em seu "vaso posterior". Rosa gritava de dor, de gozo, de enfurecimento, e Leonardo investia impetuoso sobre ela. Entregaram-se a todos os delírios da carne. Lamberam-se, beijaram-se, morderam-se delirantes. Despediram-se atormentados. Antes de sair, ele viu pulsar nos olhos dela uma estranha luz arroxeadada.

Leonardo vagou pela cidade e acabou indo ao bar encontrar os amigos. Antes mesmo que começasse a beber, perguntaram-lhe, em tom de chacota, sobre os trechos misteriosos. Será que encontrara a tal alma do outro mundo? Ele sorriu, mentiu que estava bêbedo no dia em que dissera tamanho disparate. Mas em seguida olhou sua turma, todos pareceram-lhe distantes. Começou por excluir a confiança, apavorado com a possibilidade de pensarem que estava demente e, em seguida, omitiu o diálogo. Bebeu até que os olhos se embaçaram e limitou-se a sorrir. Sua intenção, na realidade, era que o álcool o adormecesse por toda a manhã do dia seguinte. Então teria somente a tarde para lutar contra o desejo de ler o que fora escrito depois de tão tresloucados amores com Rosa.



O álcool cumpriu sua função. Quando finalmente Leonardo vislumbrou o texto na tela, estava escrito que, embora alguns pensassem dessa forma, a Inquisição não fora um atraso para a Península Ibérica, pois, como ele, o povo gostava de desvios da moral e precisava de açoite para não penetrar os "vasos posteriores" e não se deixar absorver pelas aberrações. A Inquisição, não fez mais do que moralizar e disciplinar o povo. Para uma raça de filhos da puta como ele e o padre sobre o qual escrevia, só as torturas conseguiriam aplacar os desejos de desvios sexuais e a sem-vergonhice de dormir com mulher alheia.

A leitura do trecho daquele dia foi uma simples sobreimpressão de palavras que Leonardo já esperava. Ele agira como um filho da puta? Amava Rosa como padre Ezequiel amava Antônia Josefa? Submetera-a a "desvios" para satisfazer um estranho desejo que estava acima de suas forças? Estava certo de que também ela delirava de prazer, não fizera nada forçada. No entanto, o texto, quase feroz, assomava em frases de uma lógica alucinada. Empurrava-o com sarcasmos e ameaças para um plano desvairado que vinha preparando com sua lenta e minuciosa descrição das torturas. Mais do que nunca ele desejava Rosa. Tinha uma necessidade incontida de praticar "desvios"!

Quase dois séculos interpunham-se entre o destino de Leonardo e o do padre Ezequiel. O padre sobrevivera à paixão e livrara-se dos castigos terrenos, mas Leonardo sentia-se afundar em misturas ferventes que lhe alvoroçavam os desejos da carne. Será que conhecia padre Ezequiel o suficiente para enveredar por sua biografia? Perguntou-se. Por um instante apavorou-se com as semelhanças que encontrava entre Antônia Josefa e Rosa. Será que aproveitando-se desse fato não estaria ele fabricando uma autobiografia disfarçada? Ou queria justificar seus amores com Rosa? Uma dúvida ainda o perturbava. Seria ele a escrever tudo aquilo durante o sono? Seria seu próprio inconsciente a perturbá-lo?

E antes que cedesse ao impulso de encontrar Rosa, resolveu acabar com as últimas dúvidas. Comprou uma corrente e, naquela noite, amarrou-se à cama, terminando o nó com um cadeado. Dormiu com o sono pesado de todas as noites. O grito agônico de um pássaro despertou-o. A esquiva claridade da madrugada entrou pela janela. Com dificuldade, Leonardo se desamarrou. Esfregou os pulsos feridos pela corrente e concluiu que não se levantara durante o sono. Nesse dia, não fez o café nem cumpriu o ritual cotidiano para retardar o instante de ligar computador. Embora tivesse certeza de que naquela noite o texto estivera intacto, ao ligar o computador constatou que se enganara.

Leonardo teve a impressão de já ter vivido o momento. Cheio de tranquilidade, leu que seus sofrimentos haviam sido suficientes e que era chegada a hora da expiação final.



Com sarcasmo, a máquina acrescentava recomendações, conselhos irônicos e ligeiras despedidas interrompidas por ameaças explícitas no caso de ele não se submeter ao carrasco. Ele que, semanas atrás, se comprazia em escrever e se deliciava criando personagens, simplesmente arrematou o escrito com um ponto final.

Nesse momento, ouviu uma explosão na cozinha. Como um autômato, levantou-se da cadeira e caminhou para o local da explosão como se andasse em direção ao patíbulo. Já não restava uma só coisa no mundo capaz de surpreendê-lo. E com toda a lucidez, viu sua cozinha ardendo em chamas antes que uma enorme labareda o envolvesse. Num último ímpeto para salvar-se, correu, mas sentiu que já era uma tocha viva. Enlouquecido em busca de ar, de um salto galgou a janela e lançou-se no vazio. A última visão que teve desse mundo, foi que de todas as janelas da vizinhança observavam-no com uma expressão de deslumbramento.

Recebido em: 09/08/2017.

Aprovado em: 29/08/2017.